



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

16 de Julho de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1757

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

Cantinho de Família

NO Domingo passado pedi ao Zé «Pinóquio» que me acompanhasse à casa nova do Ricardo, o «Dino» — um casarão! Tão arrojado em tempos tão difíceis...

Mas o sonho de ter uma casa é, no mínimo, uma questão de dignidade humana. Uma casa não é só uma questão de tecto, de abrigo. Trata-se da realização de um dos maiores sonhos do homem, de uma família.

Enquanto íamos, «atrelamos» o Manuel António que foi companheiro de ambos. O Manuel António também já comprou a sua casa — um T3 que estava à venda, em tempos de alguma especulação imobiliária... foi mais fácil o negócio. Tocámos à campainha; que esperássemos que estava a acabar de passar a roupa a ferro. Durante a semana sai cedo de casa e regressa já muito tarde. Anda na distribuição de encomendas. Que sim, iria para apreciar. O «Manel» é de Vila Nova de Gaia. Tinha 9 anos quando veio. Ele, mais 2 irmãos. Foi quase sempre chefe, no Lar de Coimbra ou em Miranda. Sempre presente, construtivo, e muito atento à vida da casa.

Quando chegámos fomos recebidos pelos sogros do nosso Rapaz que vive «paredes meias» com eles, em espírito de família também. Fomos então visitar o «empreendimento», de forma pormenorizada e sempre com «um ai na boca»: «Como é que vais conseguir amortizar tão grande empréstimo...» — dizia eu prós meus botões, com algum receio...

O nosso Rapaz é ainda jovem, embora já tenha constituído família, e em tão boa hora o fez que com a prestimosa ajuda de todos, principalmente dos seus sogros, tem vencido as dificuldades da vida com êxito, graças a Deus! Tem um bom emprego: «ainda me faltava algum tempo para completar os 16 anos...» — recorda-nos. Tinha o 9.º ano concluído. Foi à porta da nossa capela, no final da Missa do Domingo, que o apresentei ao chefe da oficina: «que sim, depois de falar com o Senhor Engenheiro...». Passado pouco tempo o nosso Rapaz começou a sua nova vida. Tendo começado pelos serviços básicos, como é da praxe; sempre muito apoiado por todos os colegas mais velhos; não levou muito tempo a que o senhor Engenheiro fosse informado do seu interesse e aplicação ao trabalho e à arte. Foi assim que ele foi orientado para a frequência dos cursos da Ford, custeados pela própria empresa, alcançando sempre bons resultados.

Já lá vão alguns anos, assistimos ao seu enlace matrimonial com a Marta, com muita alegria, pois o fez ainda a partir da nossa Casa — a sua Família.

Nesta nossa visita, demos graças a Deus pela casa construída e, durante o nosso longo jantar, recordamos o percurso da sua vida desde os 9 anos, data em que começou a fazer parte desta grande Família que somos e continuamos a ser para ele. Como dizia João Paulo II «o futuro da humanidade passa pela família». E, Pai Américo, sempre com essa matriz inconfundível no seu horizonte: «todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão».

Quem nos dera poder repartir algo para que não se sinta tão refém dos «poderes económicos» deste mundo, no qual o que parece ter verdadeira expressão, em termos de progresso ou de crise, é o que é quantificável, o «económico».

Padre João

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

COMPLETAM-SE hoje cinquenta e cinco anos sobre o dia 16 de Julho de 1956. Alguns, nos tempos que precederam o acontecimento que marcou esta data, temiam pelo futuro da Obra da Rua. Muitos outros prognosticavam o seu fim. A falta de convicção ou a incapacidade de ver para além do acontecimento, tão incontornável como necessário, levavam-os a ver a morte da Obra, arrastada pela morte do obreiro.

Mas a Obra era de Deus. Tal como pela morte de Cristo os seus algozes pensavam exterminar definitivamente a Obra que Ele havia começado, pela morte de Pai Américo, ainda que não desejada, pen-



savam muitos que faltando ele, a Obra da Rua não poderia subsistir.

A falta do dom que faz perceber a acção do invisível que dá vida ao visível, comprovada pela leitura dos frutos gerados, «se não acreditais em Mim acreditai ao menos nas minhas obras», cerra os olhos, os ouvidos e o coração, fazendo cegos aqueles que dizem ver.

«O servo não é maior que o seu Senhor. Basta ao servo ser como o seu Senhor.» A trajectória da vida de Pai Américo e as suas obras, mostravam que árvore era ele, e faziam intuir a presença do Agricultor que dele cuidava: uma árvore a dar sempre mais fruto.

Depois da morte, novos rebentos. Rebentos da mesma natureza. A raiz permanece; o Agricultor também, cuidando deles.

A morte em Deus é, quando muito, aparência de fim de vida. Aparência, porque Deus não é um Deus de mortos mas de vivos. Para Ele, todos vivem. Assim, as suas obras não podem morrer. O dia 16 de Julho de 1956 não podia ser uma marca do fim de uma vida e de uma Obra, mas um renascer e um fazer de novo como é característico da economia divina.

As obras de Deus partem da Sua iniciativa. Acaso poderá alguém antecipar-se e dizer-Lhe o que é preciso fazer? Como diz o poeta Fernando Pessoa, «Deus quer, o homem sonha, a obra nasce». Só o sonhar me apetece atrever a trocar por amar, porque as obras de Deus e em Deus são sempre fruto do amor.

As obras de Deus obrigam à plena confiança n'Ele. E a percepção clara, em consciência, de que é Ele quem faz. Sem atropelar as qualidades e as debilidades do obreiro, Deus faz fazer.

As obras de Deus alcançam sempre a sua realização. Ainda que pareça dissiparem-se ou eclipsarem-se, permanecem vivas e actuais no tempo e nas circunstâncias da história. Uma constante que as faz tornar, para muitos, incompreensíveis e de êxito duvidoso, vem da força que as desenvolve e as sustenta: o sinal da Cruz. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

AINDA não é desta vez que noticio a entrega da casa, à família *que não tinha nem riess nem fiador*.

A gente tem de pregar o Evangelho com as nossas acções.

Uma habitação, num andar, em prédio onde vivem outras famílias, tem de ter boas condições. Não podemos arrumar os pobres, sem o mínimo exigido, embora pressionados pela sua degradada situação, mas foi ainda necessário renovar toda a casa de banho desde as canalizações aos esgotos, as paredes, ao chão e ao tecto.

A casa tem gás canalizado e é necessário montar o fogão e o esquentador segundo as normas prescritas pela sociedade fornecedora do combustível e aguardar autorização para consumir.

Pedi a dois gaiatos que têm sido os autores gratuitos destas tarefas,

trabalhando ali, à hora do almoço, após o seu horário laboral e aos sábados e domingos. Um deles foi até incomodado pela polícia que o ameaçou de autuação se continuasse a fazer barulho e a incomodar os condóminos a desoras.

Tudo realizamos dentro de uma economia apertada, aproveitando a generosidade heróica dos gaiatos, os quais entendem claramente o sofrimento dos pobres e correspondem com admirável prontidão.

Esta nossa inspiração de acudir à pobre família tem despertado consciências e alargado magnanimidade em alguns leitores cristãos. É o caso daquela senhora que juntava economias para empreender uma viagem ao estrangeiro e, ao saber do nosso propósito resolveu dar-nos quanto tinha amealhado. Mandou um casal amigo comum,

trazer-nos o envelope com as notas: 4.985€ e o seu telefone para me fazer um lamento: - Eu sou muito agarrada ao dinheiro. Isto custou-me mais que arrancar um dente!

A gente estremece e alegra-se com estes luminosos gestos capazes de irradiar luz até em tantas almas sacerdotais que, sem escrúpulos, têm viajado por todo o mundo e, algumas com terríveis misérias familiares à sua beira, procedendo exactamente como o sacerdote e o levita da parábola, sem se aperceberem que vestem a mesma mentalidade do antes-de-Cristo.

E quem é o meu próximo? — Perguntava o fariseu!

A compra desta casa teve o condão de picar o íntimo desta senhora e dar-lhe forças para renunciar a um passeio de enriquecimento cultural, ócio ou diversão e, meter-se, escondidamente, nesta aventura do Espírito de Deus! □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

DARA CANA OU DAR O PEIXE? — Na acção vicentina confrontamo-nos muitas vezes com a questão de saber se estamos a dar o peixe quando deveríamos dar a cana para pescar, e, se for este o caso, que cana devemos dar e como. Isto vem a propósito de casos que já tivemos e que continuamos a ter de pessoas que, principalmente, por não serem capazes de ter o juízo necessário para orientarem a sua vida, caem em situação de pobreza. Têm capacidade para trabalhar e até vão trabalhando, mas não de maneira a conseguirem reendireitar a sua vida. Que fazer nestes casos? Deixá-los para lá? Dizer-lhes que trabalhem e não fazer mais nada? Deixar que caiam na situação de “sem abrigo”? Deixar que passem fome? Deixar que os seus filhos passem fome, porque muitas vezes os têm? Em casos deste tipo que temos agora ao nosso cuidado o que temos feito é cuidar-lhes do “abrigo”, ou seja, colaborar para que, pelo menos, tenham uma habitação condigna. Também vamos acompanhando as situações de maneira a que não passem fome. Tentamos fazer com que isto seja a “cana”, ou seja, um incentivo para que retomem hábitos de vida e de trabalho que os tornem mais autónomos. Não é um processo fácil e de sucesso garantido, mas vamos fazendo o que podemos. Que Deus os ajude e que Deus nos ajude para saber ajudá-los.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

PAÇO DE SOUSA

PRAIA — Com o início da época balnear, partiu o primeiro turno para a nossa casa de Azurara — Vila do Conde — na passada segunda-feira. Serão três semanas de merecido descanso, diversão e muito bonze. Boas férias.

ANIMAIS — Uma das nossas vacas saiu da corte e andou à solta um dia inteiro. Alguns dos nossos rapazes ainda correram atrás dela, para a fazerem regressar, mas a vaca transpôs todos os obstáculos. Ao fim do dia, exausta — assim como os rapazes — regressou ao seu lugar.

ESCOLA — Os rapazes que terminaram o ano lectivo no 9.º ano, quer os que passaram, quer os que reprovaram, começaram a escolher os cursos de seu agrado, a fim de serem matriculados, a tempo, nas respectivas escolas.

VISITA — No passado Domingo, visitou-nos um grupo de Catequese da zona de Felgueiras. Guiados por um dos nossos rapazes, encantou o nosso Padre Manuel António, da Casa do Gaiato de Benguela — Angola — de passagem pela nossa Casa, que aproveitou para dar o seu testemunho do carisma de Pai Américo e da experiência própria à frente de uma Casa do Gaiato. Obrigado Padre Manuel António, extensivo aos nossos visitantes.

José Reis

DESPORTO — Acabou a época 2010-2011. E acabou em grande, em casa de um dos chamados grandes do futebol a nível internacional. Modéstia à parte, mas nós não fazemos as coisas por menos.

Sáimos de Paço de Sousa, eram 07h30, com destino a Lisboa, mais concretamente ao Estádio da Luz. Parámos na Mealhada para o nosso pequeno-almoço — mas já o leitão estava esgotado! Dizia Pai Américo: «... não se pode pregar a estômagos vazios». Pois bem! Estávamos a começar o dia, e era preciso fazer os alicerces. Depois, fomos directos à Luz. Aqui, fomos bem recebidos e fizemos, na medida do possível, a visita ao Estádio. Tirámos algumas fotos como se pode ver no nosso Facebook, vimos parte de um treino dos mais pequeninos do clube local e, arrancámos com destino ao Seixal. Depois de se arranjar o sítio mais adequado para nos instalarmos, montámos o material para começar a fazer o almoço. Pelos vistos, toda a gente gostou. Ainda bem! Todos colaboraram e no fim do respectivo, há que servir a sobremesa. Foi diferente do habitual. O nosso Ricardo Sérgio fazia anos; e, o Erickson, fez um bolo para se cantar os parabéns. Foi uma festa!

Depois de tudo arrumado, os Rapazes deram um passeio pela marginal do Seixal, dando largas à boa disposição, que já nesta altura reinava no seio da comitiva. Há hora marcada, arrancámos com destino ao Centro de Estágio do S. L. Benfica. Também aqui, fomos recebidos impecavelmente. Visitamos toda a área da Caixa Futebol Campus do Seixal, com explicações em pormenor, tirámos várias fotografias, etc.

Chegou a hora do derby e num dos campos relvados, claro!, começou o jogo. O Benfica começou por fazer 1-0. Comecei a ver o caso mal parado. O clube da casa fez o 2-0; pior fica o doente. Até que, o nosso defesa central — André «Espanhol» — sai do seu posto de trabalho e vai fazer o que os avançados ainda não tinham conseguido: reduzir a desvantagem para 2-1. Os rapazes do Benfica não gostaram e colocam o marcador em 3-1. Se já não estávamos bem, ficámos pior. Nesta altura, e quase todo o jogo foi assim, os nossos Rapazes estavam a jogar mais com o coração do que com a cabeça. Mas ninguém baixou os braços. André «Garnisé» resolveu e fez o 3-2; pouco depois, Joaquina, fez o gosto ao pé e, com um excelente golo, restabelece a igualdade. Estava tudo no bom caminho, quando o número dez da Luz, faz o 4-3. Aqui, eu... vi as coisas «pretas», já que estava muito perto do final do encontro. Mas uma coisa é certa. O jogo ainda não tinha acabado. E mais uma vez, André «Espanhol», aquele «puto» refilão e..., restabeleceu a igualdade, fixando o resultado final em 4-4. Podíamos ter feito melhor se não fosse a falta de calma; se nos tivéssemos esquecido de que o adversário se chamava Benfica; e, também, se o guarda-redes dos lisboetas, não estivesse em dia sim. Mas o objectivo estava alcançado: não perder e fazer com que tudo corresse pelo melhor. E correu!

Depois do jogo regressámos a Casa, felizes e contentes. Os Rapazes vinham eufóricos e felizes da vida. Fizemos uma pequena paragem para merendar e já na zona de Santarém, parámos novamente, para jantar. Para além do que levávamos, a nossa querida e Amiga D. Selda, de Setúbal, preparou um reforço, que veio mesmo a calhar.

Chegámos tarde da noite, mas sempre com a presença ao vivo do nosso Padre Júlio, que nos acompanhou e colaborou no que foi preciso. Graças a Deus, mais um dia para o diário de cada um de nós, sobretudo dos Rapazes, já que é por causa deles que tudo se faz, sem nos esquecermos da respeitabilidade que os princípios da Casa do Gaiato e seus responsáveis nos merecem.

Alberto («Resende»)

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

TRIBUNAL DE MENORES — Vários parentes e até alguns Rapazes da nossa Casa têm-se deslocado ao Tribunal de Menores de Coimbra, por causa das tutelas, diante dos Juizes e Procuradores, com a colaboração do nosso Advogado, Dr. Pedro Carneiro, a quem agradecemos a disponibilidade e apoio.

FÉRIAS ESCOLARES — Neste momento, encontram-se todos os Rapazes em férias escolares, o que não significa que não haja muito para fazer na nossa Casa. Os mais pequenos é que se têm ocupado mais, durante o dia. Alguns Rapazes são preguiçosos. A 1 de Julho foram recebidos os resultados das avaliações finais da malta do 1.º Ciclo da nossa Escola e da Escola EB 2,3 de Miranda do Corvo. Vários Rapazes têm de se esforçar mais; outros têm falta de bases.

AGROPECUÁRIA — O Verão aí está, bem quente e seco por estas

bandas. Continuou-se a cortar as ervas daninhas, nos nossos terrenos, como no quintal da Tia Adelina, atrás das oficinas, etc. Teve de se comprar outra roçadoura, para o efeito. Colheram-se algumas ameixas e apanhou-se fruta do chão do pomar. A venda das árvores dos nossos montes, que foram abatidas, veio ajudar às nossas despesas, como no arranjo exterior da casa anexa à nossa Capela. A palmeira do seu jardim parece tam-

bém estar doente e precisará de ser derrubada, até porque as suas raízes também estão a destruir o muro de suporte.

CONSULTAS — A agenda das consultas médicas e das vacinas tem sido cumprida com rigor, no Hospital Pediátrico de Coimbra, nos Hospitais da Universidade de Coimbra e no Centro de Saúde. Isto é importante para a nossa saúde. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

Jorge Alvor

ENCONTRO ANUAL — No nosso Encontro Anual, no ano passado, ficou decidido que o nosso Encontro seria em 10 e 11 de Setembro, na nossa casa de férias de Azurara (Vila do Conde), e assim será.

Desde já aqui fica o convite, para todos os Antigos Gaiatos e seus Familiares de África. Saibam apontar na agenda e não falem. Passem palavra pelos vossos conhecidos que, porventura, não recebam o nosso Jornal.

No próximo número, daremos conhecimento do programa e daquelas pequeninas coisas que sempre é necessário levar. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria



A falta de saúde acontece e a recuperação já não tem um suporte activo, pela idade. Mas o que tem de mais interessante e não é uma descoberta nova, mas cada vez é mais acentuada é a vivência da família. Aquele verso do Poeta — *como a família é verdade* — tem uma profunda ressonância em nós que repassa para os rapazes, que na Casa do Gaiato são a nossa verdadeira família. Jesus disse: quem não deixar pai, mãe, irmãos, filhos ou campos, não é digno de Mim. Ora a mim, como a qualquer padre da rua Ele mandou isso. E seu: segue-me, foi tão enérgico e convincente que não olhei para trás. Desde os meus dezassete anos que quase não a visitava. Só mesmo de fugida. A minha família era só outra, aquela que contraí em cada Casa do Gaiato onde estive.

Nas circunstâncias actuais, em

que tenho sido obrigado a estar longo tempo, fora de Casa, é a primeira família aquela onde me aconcho e que faz de tudo para me atender bem. Onde saboreio o amor em cada gesto, em cada necessidade. Digo com sinceridade, diante de Deus, que não os mereço os irmãos que tenho.

Em contraponto está a outra: eu aqui roído de saudades e eles a escreverem-me, a Irmã a telefonar todos os dias a pedir paciência e eu a dizer que está lá; que confie em Deus e eu a responder que quer ensinar o Pai Nosso ao vigário; alguns rapazes mais velhos, com responsabilidades em Casa, telefonam; os mais pequenos com cartas cheias de erros sabrosos, até com versos que acharam bonitos e mandam para mim. Se não fosse estar doente e o meu problema ter contornos

ainda indefinidos, era um gozo estar aqui longe a saborear como “a Família é verdade”. Estava na Casa do Gaiato de Setúbal, há dias, quando vem um telefonema de alguém que anda à minha procura. Já nem lembro bem o nome, disse que era o Toutinegra, quase da minha idade, aposentado há muito. Falou dos momentos passados comigo na Casa do Gaiato do Tojal, da sua indignação por já não ser nossa, dos antigos colegas com quem se encontra. De outros ainda no activo, um como juiz e outro médico, num hospital de Lisboa. De outros que já morreram. Ficou com a voz embarcada muita vez e eu a saborear intimamente aquele pensamento. É preciso deixar a família. Quem a perde encontra-a e encontra um tesouro também. □

SETÚBAL

Padre Acílio

NO domingo, a seguir ao dia 1 de Julho — Aniversário desta Casa — celebra-se sempre o Encontro Anual dos antigos gaiatos.

Esqueci-me, este ano, de pôr no jornal, a tempo, um convite explícito a que viessem todos os que, aqui encontraram, a luz da dignidade, rezar e conviver. Era já de tarde, quando a memória trabalhou mas, mesmo assim, fiquei em paz. Os Rapazes sabem quanto gosto de os ver e os sentir à mesa comigo.

Preparamo-nos. Matámos uma vaca e um novilho, enchemos a piscina, a tempo, de a água a aquecer com o sol; os jardineiros alinharam os relvados, mondaram os jardins, retardamos a Eucaristia para as dez horas e, confiadamente aguardamos.

A Missa não vieram muitos, mas animaram a celebração.

Os Rapazes, como quase toda a gente, se deixam iludir pelas aparências mundanas, esquecendo os seus deveres cristãos *de amar a Deus sobre todas as coisas* e buscar o caminho que ajuda a cumprir as obrigações sagradas.

Previendo o ajuntamento, mandei os mais novos para a Arrábida começar as suas férias de forma a que o refeitório ficasse mais vago e não fosse necessário prolongá-lo pelo corredor fora, como acontecia nos anos anteriores.

A magnífica sala encheu-se e a comida consolou toda a gente.

O bar acolheu-os com café, moscatel, vários jogos e a

cavaqueira de matar saudades e despertar risos.

O campo de futebol também funcionou com uma disputa apaixonada entre antigos e actuais gaiatos, favorecendo a comunicação entre todos com sadia rivalidade.

Fica o recado para os próximos anos.

* * *

A Autoeuropa tem-se voltado também para a Casa do Gaiato.

Num gesto de solidariedade, incluiu nas suas festas algumas organizações que se dedicam aos mais pobres e mais caídos, especialmente crianças e jovens.

Convidaram-nos para uma recepção, num hotel em Sesimbra, dando-nos oportunidade de anunciar a boa nova do que é uma Casa do Gaiato e alguns dos seus operários e líderes carregaram-nos o carro com mercearia, pasta e escovas de dentes e outro material de higiene.

No dia De portas abertas, data em que a grande empresa se disponibiliza, anualmente, a mostrar ao público convidado, os seus espaços, pavilhões, linhas de montagem e veículos fabricados, a Autoeuropa veio à Casa do Gaiato buscar-nos e trazer-nos de autocarro após nos ter brindado com a riquíssima visita e um bom lanche.

Há vários gaiatos a trabalhar nesta gigantesca fábrica e, alguns, foram cicrones dos nossos manifestando-lhes um

grande entusiasmo e nobre orgulho pelo actual processo de construção de automóveis.

* * *

Praia: Como referi, a nossa casa da Arrábida acolhe desde o dia 2 de Julho os mais pequenos nas suas férias.

Levamos uma camioneta carregada de várias comidas e o autocarro cheio de gente.

A Arrábida é um paraíso e a nossa casa situa-se no seu coração, com um delicioso microclima e as mais soberbas vistas para o mar, a serra, o rio e a Península de Tróia.

Como nos dá alegria ver os mais pobres e mais indefesos da sociedade, gozar tão admirável maravilha!...

Pontifica o Patrício que, com a sua ternura e seriedade, aliadas a um porte físico avantajado é um autêntico pai para todos.

Dona Isaura de casa, mais uma senhora que veio de longe acompanhar-nos, são presenças maternais, coadjuvadas pela mãe do Amílcar e a professora Maria.

A casa está a ser melhorada com telhado novo e uma pintura moderna para se tornar mais acolhedora e segura. Um pequeno campo de futebol, em frente da casa, é uma área de recreio para os dias mais frios. O mar e a serra servem para o tempo de maior calor.

O Portinho é éden de muita gente privilegiada e também dos gaiatos. □

DOCTRINA

Pai Américo



Alegria

«**C**ONSEGUI, no mês de Agosto, realizar um dos meus grandes desejos que era visitar essa grande Obra, que eu julgava conhecer através do vosso Jornal. Fiquei, porém, surpreendido, pois tudo quanto eu imaginava fica muito aquém do que me foi dado constatar. O que é possível fazer-se quando existe boa vontade! Como me foi consolador ver esse grupo de Rapazes, noutros tempos sem eira nem beira, hoje com as suas casinhas espalhadas por essa Aldeia, cheias de sol e onde se verifica haver alegria! Pois foi isso que eu notei nos Rapazes que me esclareceram a vida da sua Aldeia. Quando estive na loja do 'Periquito', no espelho estava o pedido do relógio. Peço para lhe comunicar que dentro de dias aí deve aparecer o desejado relógio; mas no caso de já estar servido, deverá ser entregue a quem mais dele precisar. Também foram tiradas algumas fotografias que, conforme foi prometido, também vão ser enviadas, para não acontecer como aí me disseram: que muitas têm sido tiradas, mas que nunca mais chegaram. Incluso, remeto o nome e morada para um novo assinante do 'Famoso'.»

ESTA carta é de Lisboa. Não há nada mais consolador do que ouvir ao próprio ou ver escrito no papel aquele «tudo quanto imaginava fica muito aquém do que me foi dado constatar». Esta é a força que nos dá força. Não é uma crítica; é um espanto. A seguir, vem a notícia da alegria que o visitante notou nos Rapazes. Ele notou. Não puseram eles semblante alegre naquele momento; tinham-no. Ele notou. Segunda força que nos dá força.

PODE não haver nas nossas Casas nada do que existe nas congêneres; nós somos pobres. Pode. Mas há em abundância o que talvez lá falte: alegria. Rapazes que se riem às gargalhadas. Não é fruto da juventude; ele há crianças tão tristes! Ainda há dias eu vinha de Lisboa e a última carruagem do comboio era feita de crianças tristes. Pequeninos da Alemanha. Tantos! Tão tristes! Eu parei a ver. É a guerra! Não é fruto da juventude aquele «onde se verifica haver alegria». É, sim, a resposta natural da criança quando goza o que é naturalmente seu. Eis.

A segunda parte da carta trata do relógio do «Periquito», agora senhor Moreira, e muito tem dado que falar. Mal o souberam, logo se apresentou um mundo de pretendentes, visto como «Periquito» já tem relógio. É um porque é chefe, outro porque se tem portado bem, aquele porque já tem bigode — e todos pelo luxo de um relógio — o certo é que tenho sofrido bocados amargos. «Periquito» por sua vez e todo pimpão, vai desde já declarando à malta dos pretendentes que, sendo melhor o que vier, fica mas é para ele! O mais bonito é que o relógio, na maré destas discussões, ainda não tinha chegado; o que fará quando ele chegar!

SIM, meu senhor. Nós aqui fazemos tudo para que estes Rapazes se sintam felizes. Se a Obra da Rua não lhes prestasse esse bem, seria droga. A própria discussão do relógio de que ora falamos, por lhes ser grata, nós deixamos que ela prossiga e venha a aquecer muito mais, quando o relógio chegar. Não é só para marcar horas que estes relógios servem. Alguns dos nossos mais pequenos pintam-nos no pulso a tinta encarnada; e enquanto dura a pintura, eles gozam-nos como se fossem d'oiro. E vêm-nos mostrar: «Olhe o meu relógio». E eu olho e gabo e faço festas ò relógio.

SIM, meu senhor. Nós queremos que os nossos Rapazes se riem de dentro para fora. Quantas crianças de famílias ricas, com educadores em casa e tudo, desejariam a imensa alegria dos nossos! Às vezes tenho de sair no «Morris» e premedito um que há-de ir na minha companhia, por passeio. Primeiramente vem-me a ideia da surpresa. Dizer-lho na própria hora. Haveria assim mais emoção. Porém, nunca assim fiz. Se eu começo a gozar o passeio do Rapaz desde o momento em que o concebo, porque não há-de também ele gozá-lo desde a mesma ocasião! E lá vou dar ao feliz a notícia antecipada para ele gozar mais e ser mais feliz. Quantas vezes isto acontece!

MAS faço mais. Segredo a notícia e peço-lhe que se não desmande até então. «Olha lá se fazes alguma que não podes ir!» E tenho ouvido também segredos, à maneira que o dia se aproxima: «Olhe que eu tenho-me segurado». E vão. E lá vamos. Tanta alegria no coração deles, quanta no meu. Mais no meu! Sim, meu senhor. Nós fazemos tudo. Eu cá ter-me-ia na conta do homem mais infeliz do mundo, se visse caras tristes debaixo das nossas telhas. E mais nada.

Do livro Doutrina. 2.º vol.

MALANJE

Padre Rafael

Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida...

CHEGOU a meio da semana. O seu aspecto era o de um autêntico menino da rua. Veio pelas mãos dos trabalhadores sociais da MINARS. Segundo me contaram, recolheram-no nas ruas de Malanje e procuraram-lhe os familiares, durante um mês, através dos meios de comunicação. Por outro lado, não têm condições para ter o rapaz — e resolveram trazê-lo para a Casa do Gaiato de Malanje. Seu nome é André.

No princípio, fiquei um pouco receoso, pois não tinha, em verdade, a certeza de que fosse mesmo um menino da rua. Contudo, todas as minhas dúvidas desapareceram no dia seguinte. Saí da Casa-Mãe e aproximei-me do carro. Perto estava o moço que me diz: «Dá-me cem cuanzas». Mais tarde, perguntaram-lhe quem era o pai, e respondeu: «É o chinês que está no carro branco». A pouco e pouco, fomo-nos dando

conta de que era, verdadeiramente, um «lixo»; fugindo da água como um gato e, quando a sineta toca para a refeição, não conhece ninguém. Seu nome, agora, é «Pesadelo».

Esta semana, tivemos de convidar dois dos nossos Rapazes a sair de Casa. Durante o fim-de-semana, levaram um grupo em passeio no mini-autocarro. Depois, resolveram ir tomar uma cerveja e colidiram com um carro da polícia. Esta acção, junto a muitas outras, levaram-nos a formular o pedido, que aceitaram; e saíram no mesmo dia.

É sábado e todos se prepararam para ir colher mandioca. Já se está a tornar num costume. Partimos com os dois tractores para as lavras antecipadamente marcadas. Os sulcos que nos pertencem: «de cada 100 são 30». Os maiores cavam, os médios apanham-na e conduzem-na, em sacos, ao tractor; os mais pequenos descascam-na.

Depois, todos juntos, mergulhamo-la na fonte onde passará três dias para que o veneno suavize e amacie para a podermos partir e pôr a secar. Esta última parte é reservada às trabalhadoras. Finalmente, guardamo-la na despensa, para ser moída quando for para consumir.

São já quadro dias por semana em que comemos funji. O aumento da produção de mandioca faz com que as comidas sejam mais tradicionais e os Rapazes sabem-no e andam super-contentes. Ontem jantámos funji com kisaka, feijão e peixe, algo que já não acontecia há muito tempo. Quando há funji, ninguém tem pressa em levantar-se da mesa, muito menos os «Batatinhas», que passam pela mesa dos padres a apanhar algum pedaço que sobra e continuam a jantar na nossa mesa. Pois se há algo que encanta os filhos, é jantar junto com os pais. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Fonte de Esperança

OS dias, fora da nossa Casa do Gaiato de Benguela, estão a chegar ao fim. Quando vossos olhos poisarem nestas notas, estarei, de novo, na morada que o Pai do Céu me destinou, em Angola. Os ecos da multidão de crianças dos bairros, sobretudo, batem com muita força no meu coração. Quem dera cheguem, também, à vossa vida! Os gemidos suplicantes das mães, com os peitos secos e os filhinhos ao colo, entram nos corações que têm ouvidos. É um mundo que, sem dúvida, deu passos na sua renovação. Continua, porém, a clamar, no silêncio da sua vida escondida, pelo amor que deve alimentar o nosso dia a dia. Não paremos! Não digamos que nada podemos dar ou fazer! O essencial é sentir a nossa comunhão com estes irmãos. O resto virá por acréscimo. É verdade. Diz o provérbio que «ninguém é tão pobre que não possa ajudar; nem tão rico que não precise de ajuda». A ajuda mais preciosa está em levá-lo a partilhar os seus bens com os mais pobres.

Trouxemos connosco algumas aflições ligadas, também, à falta

de meios materiais para a recuperação das residências dos rapazes e compra dum tractor agrícola.

Batemos, por isso, a algumas portas. Não temos, neste momento, qualquer resposta. Temos, porém, muita esperança. Pomos o nosso coração ao serviço incondicional dos filhos ao nosso cuidado. Queremos agradecer a alegria das pessoas muito amigas da nossa vida. Acompanham-nos e prepararam os nossos encontros. De igual modo, lembramos as pessoas que aproveitaram estes dias para enviar os seus donativos para a Casa do Gaiato de Benguela. O momento de convivência familiar, na casa da D. Constance e Dr. Paulo Dias que acolheram o pequeno da Casa do Gaiato de Benguela, como filho a juntar aos seus cinco filhos, foi muito belo. Era uma criança portadora duma enfermidade, da qual foi curada e tornou-se um menino normal, graças ao amor deste casal.

Prestes a regressar a Benguela, estou a lembrar-me, neste momento, dos três filhos que o pai deixou em casa, quando

foi preso. Passado o tempo de cadeia, ao chegar a casa, encontrou os filhos abandonados, sem o cuidado de ninguém. A mãe desapareceu. Este pobre homem, deficiente físico, levou a palavra de esperança, porque não havia lugar. Quem dera fosse possível encontrar emprego para o grupo dos mais velhos, preparados para a sua autonomia. Será uma preocupação prioritária. Como tem sido. É, aliás, a condição para poder receber mais filhos da rua. Por isso, comecei estas notas pelo eco muito vivo do clamor das crianças abandonadas, à procura do coração e da casa de família que as acolha. A Casa do Gaiato quer ser a Casa de família dos filhos que a não têm ou vivem como se não a tivessem.

É muito rica a partilha do bem. Vi, há momentos, no correio, um cheque, parte do ordenado duma senhora amiga. O destino é ajudar a compra do tractor. É uma migalha, mas uma migalha muito rica, que nasce do amor. Serão precisas muitas migalhas! O óbolo da viúva foi tão louvado pelo Senhor! É, sem dúvida, uma fonte de esperança. Estou a escrever da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Se Deus quiser, a continuação será da Casa do Gaiato de Benguela, a partir do dia 11 de Julho. □

SINAIS

Padre Telmo

QUANDO entrou na Casa do Gaiato de Malanje, todos começaram a tratá-lo por «Quinzinho» (quase todos apanham uma alcunha), ele, talvez pelo seu olhar carinhoso, seus gestos gentis e maneiras suaves, foi o «Quinzinho».

Cresceu, entrou no Seminário e passou a «Quim». Agora, no dia 16 de Julho (dia do Pai Américo e festa da Obra), vai receber, do seu Bispo, a Ordenação Sacerdotal. E no dia 17, celebrará a primeira Missa na sua Casa do Gaiato de Malanje. Uma grande alegria para toda a nossa Obra! Será um «Padre da Rua»! Entendemos por «padre da Rua» todo aquele que se entrega totalmente, com licença do seu Bispo, ao serviço da Obra: Ser pai de família daqueles que a não têm, ou, tendo-a, estar degradada e ser incapaz de a sustentar e educar.

Temos pena que, em Portugal, se entreguem os meninos a famílias que os recebem por dinheiro.

Parabéns, «Quim» pela tua entrega total e radical aos sem-família!

Que o Senhor te abençoe.

* * *

Sempre me impressionou a Tua conversa com o jovem: «Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres». O jovem retirou-se triste – pois tinha muitos bens. Tu ficaste triste ao vê-lo partir.

O «ter» domina, agarra e prende ao chão com fortes correntes...

Aquele jovem ainda conhecia os Mandamentos. Agora – não, a maior parte vai sem Te ligar. Correm para possuir os seus mandamentos: muitos na sua formação; outros, sua vida económica; tantos, na dependência do álcool, drogas e prazeres.

Muito mais tristeza nos Teus olhos! Tu os amas, mas como respeitais a sua liberdade – não há força que corte as suas correntes.

* * *

Jesus deu-nos uma nova ordem – alicerçada no amor e no perdão: «O que não tem pecado que atire a primeira pedra»; o vitelo mais gordo, o anel no dedo e o abraço do pai – para o filho perdido que voltou; o samaritano a cuidar do judeu enquanto o sacerdote e os grandes o deixaram caído; Zaqueu desce e aceita o meu amor; Teu perdão e carinho pelas prostitutas; toma o teu leite e vai, o sábado caiu; hipócrita, tira a trave do teu olho; perdoar 70x7 e amar os inimigos.

Uma reviravolta. Uma nova ordem.

Nem judeu, nem grego, negro, branco, amarelo – todos irmãos – filhos do mesmo Pai do Céu. Maravilha! A Luz de Deus. E mais: Todos esperavam um Messias imperador e não o Servo sofredor a lavar os pés dos Seus discípulos. □

CALVÁRIO

Padre Baptista

O ano que decorre é dedicado internacionalmente ao voluntariado. Mas isto é regresso às origens de tudo. É um regresso a Deus. Ele é o primeiro voluntário e será sempre o modelo inatingível. Tudo quanto fez, fê-lo como expressão do Seu amor voluntário. Pois, Deus é amor. Criou o homem sabendo que muitos deles O iriam rejeitar ou, até, odiar. Nada impediu a Sua acção. O amor é a origem de tudo, em Deus.

É justo que venha aqui trazer os voluntários que nesta Casa prestam inestimáveis serviços. Uns vêm de longe, outros de perto. A profissão que exercem, o estatuto que possuíam, a qualidades que sabem ter, ficam à nossa porta. Aqui é o serviço dos doentes que dita o agir. Eles na cozinha, nas salas dos doentes. Eles na higiene, nas limpezas, nos cuidados a prestar a cada um dos que aqui temos. Aos sábados e aos Domingos. Eles quando é preciso. São o suplemento dos que se encontram a trabalhar em Casa.

Vêm cheios de boa-vontade e de entusiasmo. Não dispensam a sua presença. Há neles uma força que os faz vir até nós.

São amigos e os doentes sentem-no. Não vêm forçados, mas voluntariamente. Ora, isto é o caminho da perfeição. Contrariamente, quando se faz qualquer coisa esperando recompensa, não se é perfeito no que se realiza. Dar sem mais é, pois, estar no caminho da perfeição. E este é verdadeiramente caminho evangélico. «Sede perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito» — recomendava Jesus. E ele ama mesmo aqueles que não O amam ou nem sabem amar. Muitos destes doentes são seres que não sabem responder, que vivem noutra mundo e não expressam sentimentos de gratidão. Amá-los sem mais, é puro amor.

A vida só nos é proveitosa quando posta ao serviço dos outros. Quando não é assim, a vida estiola-se. Mas é perfeita quando só o amor a motiva. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Do primário

O sopro essencial de cinzelar a pessoa humana está nas mãos do Mestre, que ilumina a criatura humana. Educar a vontade e a inteligência, no sentido de adquirir bons hábitos, na circunstância em que se vive, é uma tarefa ciclópica. Repara-se que se vão banalizando atitudes e palavras desviantes, mesmo nas comunicações.

Jogam aqui um papel relevante as Escolas, onde as crianças e os adolescentes passam a maior parte do tempo. Para além do ambiente familiar, fundamental, é importante a educação escolar para uma educação integral. O ensino básico é crucial no percurso harmonioso da escolaridade dos mais novos. Actualmente, as ferramentas passam também pelo domínio das novas tecnologias; contudo, será arqueológico o domínio da leitura e escrita, neste desacordo ortográfico?

Assinamos, recentemente, muita papelada de mais de uma dúzia dos nossos pequenos do 1.º Ciclo. Sem menosprezo, há um decréscimo assustador da exigência dos conteúdos nos últimos quatro decénios. Se a educação escolar é basililar para transmitir a herança cultural, ainda não se encontrou, com as sucessivas desatenções e intenções ideológicas, um termo de equilíbrio e consentâneo com a nossa história multiseular e precursora da globalização, *por mares nunca dantes navegados*. Os nossos olhos pousaram, entre-

tanto, sobre um velhinho e puído manual de História pátria, da instrução primária...

As Escolas não deveriam transformar-se em espaços apenas de ocupação dos tempos livres, relegando para segundo plano a aprendizagem escolar, que timidamente se esconde como uma tarefa menor, entre mil e uma actividades dos Projectos Educativos. A responsabilidade das Escolas, na maioria públicas, é grande e não tenhamos medo também de, nos primeiros anos de escolaridade, transmitir conhecimentos sobre a matriz cristã da nossa identidade, pois não se pode diluir, conforme testemunha o nosso imenso património cultural, disperso pelos quatro cantos do mundo.

Um papel determinante cabe, como não pode deixar de ser, aos docentes, cuja preparação e entrega à causa é decisiva para a elevação das novas gerações. A frescura das mentes dos infantes está mais apta à memorização, que não é desumana. A solidez na instrução só tem a beneficiar com a revalorização do ensino primário.

É evidente que, entre nós, sentimos dolorosamente situações de graves lacunas dos nossos meninos acolhidos. Às vezes, a sua idade está desfasada do ano de escolaridade. Vários deles começaram tarde a aprender os primeiros vocábulos da nossa Língua. Há, assim, alunos com necessidades educativas especiais, conforme se

diz. As Escolas não podem dispensar Professores e Auxiliares por razões economicistas. O investimento na Educação é seguro e não se deveria deixar ninguém para trás, sem aprender o essencial, até para a vida em sociedade. Mais, sem um ensino técnico capaz e catalizador, a oferta formativa não motivará tanto aqueles adolescentes que querem entrar mais cedo na vida activa.

Acarinhar o 1.º Ciclo do Ensino Básico, que se deseja de excelência, é um sinal bem positivo. Mesmo na rudeza da crise económica e social, ser analfabeto é um estigma de miséria, como muita gente enrugada e com calos na mão, que envergonhadamente foi e vai dizendo: — *Não sei assinar o meu nome...* Esta pobreza ia sendo enriquecida com a escola dura da vida, em que outrora, por necessidade, entraram bem cedo muitos daqueles que nos legaram as suas vidas, para ganhar o pão com o suor do seu rosto. É actual o que escreveu e bem Pai Américo — «Meus filhos: É preciso saber ler e escrever»... □

PENSAMENTO

Sirvo os mentirosos, os verdadeiros, os vagabundos, os que insultam, que, se nas camadas mais baixas há gente de má nota, são, muitas vezes, lições que aprendem nos que deviam ser mestres. Senhor, eu quero medir sempre pela Vossa medida.

PAI AMÉRICO